



Sugako Hashida

# HARU e NATSU

As cartas que não chegaram

Tradução: Masato Ninomiya e  
Sonia Regina Longhi Ninomiya

## *Biografia da autora*

Sugako Hashida (pseudônimo de Sugako Iwasaki) nasceu em 1925 em Seul, Coréia, que à época fazia parte do Império do Japão. Formada em Letras pela Universidade Feminina Nippon e em Artes Cênicas pela Universidade de Waseda.

Trabalhou como roteirista na Empresa Cinematográfica Shochiku, vindo a ser roteirista autônoma, anos depois.

Foi diversas vezes premiada com seus roteiros, destacando-se o Prêmio Kan Kikuchi (1984) para seriados de TV, pela obra *Oshin*, dublada e transmitida para dezenas de países.

## *Biografia dos tradutores*

Masato Ninomiya é Bacharel em Direito e Língua e Literatura japonesa pela Universidade de São Paulo. Mestre e Doutor em Direito pela Universidade de Tóquio. Advogado militante e Professor Doutor da Universidade de São Paulo. Professor Visitante da Faculdade de Direito da Universidade de Tóquio. Tradutor Público e Intérprete Comercial.

Sônia Regina Longhi Ninomiya é licenciada em Língua Japonesa pela Universidade de São Paulo e Universidade de Tóquio para Estudos Estrangeiros, com pós-graduação na Universidade Tsukuba no Japão. É professora de língua e literatura japonesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro.



O destino de duas mulheres que atravessaram a história de dois países durante 70 anos.  
Minissérie comemorativa dos 80 anos de atividades de NHK - Rádio eTV do Japão  
Grande sucesso de audiência no Japão e no Brasil.

Participação das atrizes:

Mitsuko Mori, Yoko Nogiwa (dias atuais), Ryoko Yonekura, Yukie Nakama (Era Showa).

Sugako Hashida

Tradução: Masato Ninomiya e  
Sonia Regina Longhi Ninomiya



# HARU<sup>e</sup> NATSU

As cartas que não chegaram

**HARU E NATSU**  
- As cartas que não chegaram -





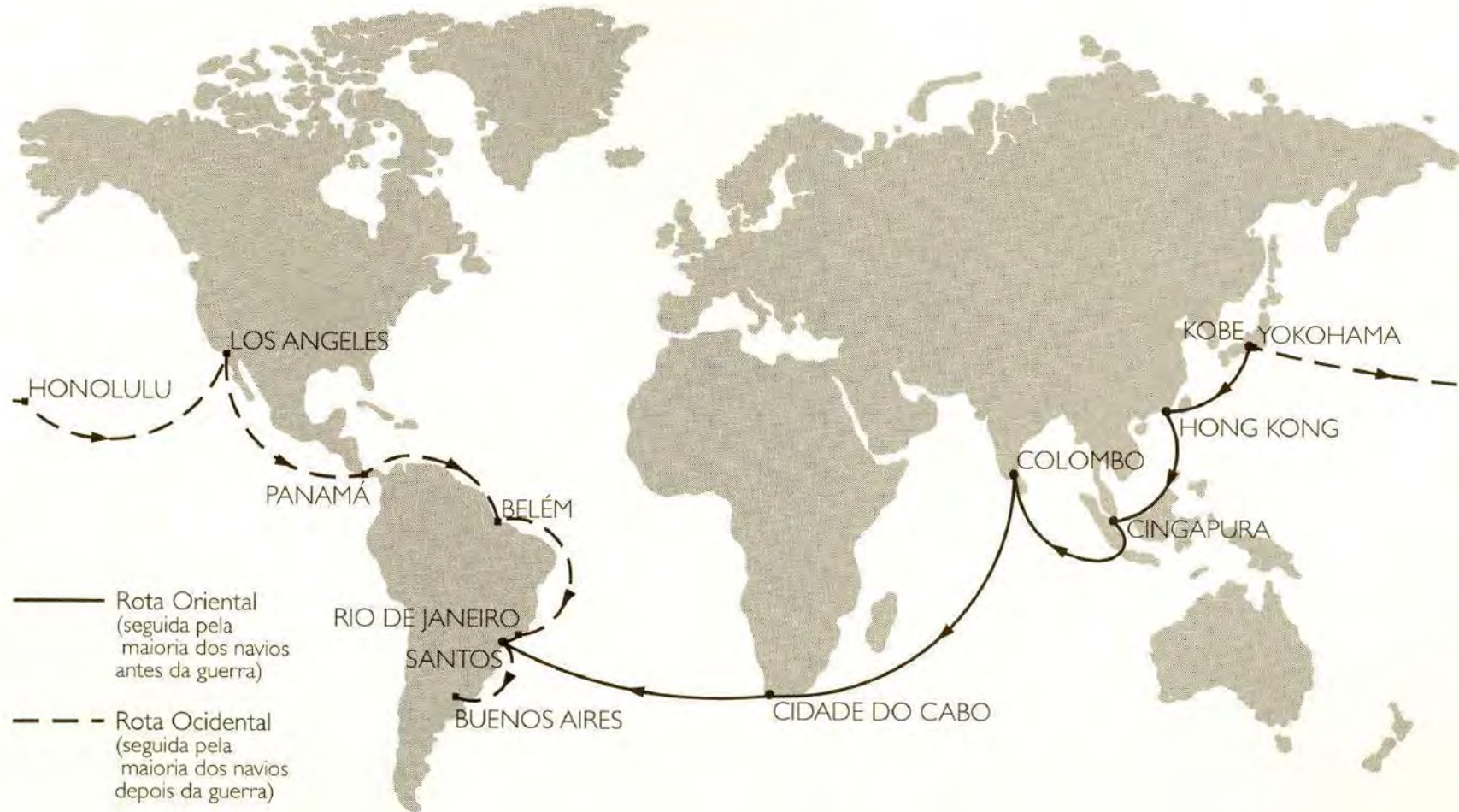
# MAPA DO JAPÃO



• OKINAWA



# ROTAS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA



## **HARU E NATSU**

- As cartas que não chegaram -

### **Índice**

Capítulo I – As cartas que não chegaram .....	1
Capítulo II – O encontro e a despedida .....	101
Capítulo III – Ao Novo Mundo .....	179
Capítulo IV – O orgulho de ser japonês .....	251
Capítulo V – A nossa Pátria, o Brasil .....	329















Yamato assistia sorridente à alegria da avó que mostrava sua imensa satisfação, parecendo flutuar no ar. Até parecia uma criança.

As recepcionistas, com fisionomia de indiferença, tentaram esconder o riso cínico, trocando sinais com os olhos. Yamato estava indignado com o comportamento insolente das duas, quando um homem de terno se dirigiu a Haru, de forma aparentemente gentil.

- Trabalho na secretaria da presidência. É a senhora Haru Takakura?

- Sim, desculpe-me por ter vindo sem avisar.

- Apesar da sua visita, a presidente diz que não conhece ninguém com o nome de Haru Takakura, nem tem uma irmã. Deve ter havido algum engano. Lamento, mas gostaríamos que se retirasse.

- Que bobagem! Minha irmã se chama Natsu Yamabe e venho procurando através dos dados do registro civil. Assim descobri que ela está aqui. Se a presidente desta empresa se chama Natsu Yamabe, com certeza ela é a minha irmã. Deixe-me vê-la. Encontrando-a, tudo ficará claro.

- Sinto muito. Acho que a senhora está confundindo-a com outra pessoa. A própria presidente está dizendo que sequer conhece o seu nome. Não há razão para ela se encontrar com a senhora...

A fisionomia de Haru se alterou. Não era possível que Natsu tivesse se esquecido da existência dela.

- Só uma olhada! Deixe-me confirmar com os meus





















novo sobrenome. É por isso que não se tinha qualquer informação do seu paradeiro.

Era impossível pedir a pessoas estranhas que investigassem a partir do registro civil como fizeram Haru e Yamato.

- Uma no Brasil e a outra no Japão por 70 anos. É um tempo demasiadamente longo para ficar sem contato.

- Mas que velha chata! - Yamato começou a falar em português, como querendo desabafar.

- Nem leva em consideração a presença de uma octogenária que veio do outro lado do globo, querendo encontrar mais uma vez a sua irmã, antes de morrer. A mulher falou como se a senhora estivesse passando fome no Brasil e tivesse vindo trabalhar como dekassegui no Japão, junto com o neto. E, ainda por cima, visando o dinheiro da irmã rica... Não dá para agüentar tamanha humilhação...

Haru e Yamato, não imaginando que Natsu fosse tomar uma atitude tão dura, procuraram por seu paradeiro. Entretanto, o seu comportamento fora rude, dizendo que não eram mais irmãos.

Para Yamato, a atitude de Natsu era preconceituosa, pois ela insistia em dizer, repetidas vezes, que fora abandonada.

- Eu é que me recuso a ser parente daquela velha... Prometo me formar, às minhas próprias custas, em uma faculdade no Japão. Não preciso de conhecidos, nem de parentes.

Haru respondeu em japonês ao desabafo de Yamato feito





Tratava-se, além do mais, de uma zona fria. Os ventos gelados penetravam pelas frestas das choupanas. Nas noites de inverno, os acolchoados chegavam a congelar, com o ar solto pela respiração de quem dormia. Nestas condições, os colonos se empenhavam no desbravamento da terra, derrubavam árvores, cultivavam a terra e plantavam.

Na medida em que a vida se estabelecia, a família Takakura foi aumentando. E em 1933, há cerca de 70 anos, quando Haru tinha nove anos, uma família com 15 pessoas tentava sobreviver, agarrada a uma pequena gleba de terra.

A família de 15 pessoas era composta de Haru, seus pais, seus dois irmãos e irmã, a avó, o casal de tios, irmão mais velho do pai, com quatro filhos e um outro casal de tios, irmão mais novo do pai, recém casados. Em condições normais, já seria difícil sustentar uma família tão numerosa, mas o Japão enfrentava muitas dificuldades, na transição da década de 1920 para a de 1930.

A zona rural japonesa vivia uma recessão crônica, desde a Revolta do Arroz de 1918. A situação se agravou com o Grande Terremoto de Kantô de 1923, que destruíra a cidade de Tóquio. Dezenas de milhares de pessoas morreram e suas casas foram destruídas, muitos ficaram desabrigados e desempregados, perambulando ao relento. Além disso, o número de desempregados continuava a aumentar em virtude da Grande Recessão Mundial, que teve início em 1929, sem que o Japão ainda tivesse se recuperado da crise financeira de 1920.



do filho primogênito com os seus filhos.

Seriam seis pessoas, Haru, o irmão seis anos mais velho, o segundo irmão, três anos mais velho, a irmã Natsu, dois anos mais nova e os pais. Iriam, também, o casal de tios, irmão mais novo do pai, recém casados e sem filhos. Eram ao todo, oito pessoas.

A inscrição da família para a emigração ocorrera num dia de nevasca. Haru e Natsu olhavam para o cartaz de propaganda da emigração, tomando a tijela de canja oferecida pela empresa de emigração.

- Vamos todos, em família, para a América do Sul.

O cartaz parecia uma nota promissória que prometia um futuro iluminado para todos. Finalmente, a família poderia se livrar do frio e levar uma vida mais aconchegante no Novo Mundo. Haru já não se importava mais com o frio da nevasca que parecia cortar o seu corpo.

- Que situação difícil! - Yamato interrompeu de repente a fala de Haru.

A dificuldade enfrentada pela família era inimaginável.

- No Japão, existia uma infinidade de pessoas na miséria, que não tinham como viver, senão indo ao Brasil. Mas não eram todos que podiam ir... Eu estava muito contente, pois foi muita sorte a nossa família ter sido escolhida, já que somente uma pequena parte das famílias que se candidatavam conseguiam ir. Disseram-nos que uma vida muito mais feliz do que a de Hokkaido nos aguardava no Brasil. - Haru



continuou, no quarto de hotel em Tóquio, buscando as memórias de 70 anos atrás.

Tudo acontecera em dezembro de 1933.

Estavam reunidos na sala do casebre da família Takakura, o filho primogênito Yosaku, tio de Haru; Chûji, pai de Haru, Shizu, sua esposa e mãe de Haru, Shigeru, primogênito de Chûji e irmão mais velho de Haru, Minoru, segundo filho e também irmão mais velho de Haru, e Natsu, a irmã mais nova de Haru. Além desses, Yozo, o terceiro filho da família Takakura e tio de Haru, com a sua esposa Kiyô. A avó de Haru, Nobu, estava sentada reservadamente atrás de Yosaku. Com mais de 60 anos, aparentava a humildade de quem cultivara a terra por toda a vida, distante de qualquer tipo de luxo.

O frio era intenso e tanto Haru quanto Natsu estavam usando diversas camadas de roupas para enfrentá-lo.

Na cozinha de chão de terra batida, Kane, esposa de Yosaku, trabalhava enquanto prestava atenção na conversa da família. Os quatro filhos de Yosaku e Kane, primos de Haru e Natsu, iam e vinham entre o local onde estavam os adultos e a cozinha, mas de vez em quando esticavam o pescoço para saber o conteúdo da conversa. Tratava-se, de qualquer modo, de uma casa muito pequena.

Apesar de cerca de 20.000 japoneses terem emigrado para o Brasil por ano, o país ainda era de um lugar desconhecido que ficava do outro lado do globo terrestre. Yosaku, como

primogênito da família, sentia-se responsável e ao mesmo tempo impotente por ter de despachar os dois irmãos menores e respectivos familiares, como se estivesse expulsando-os.

- Sinto muito mesmo. Acabei expulsando vocês de casa...

- Você não tem que pedir desculpas. Você não tem culpa. O que está errado é uma família tão grande viver dependendo deste mísero terreno. Você é o sucessor da família Takakura e não pode abandonar esta roça que papai deixou, depois de sofrer tanto, vindo da província de Akita como desbravador. Então, o correto é que eu, o segundo filho, e Yozo, o terceiro filho, saíamos daqui. Dizem que no Brasil, a falta de mão-de-obra é grande. Como a cultura do café está em alta, o salário também é bom. Parece que trabalhando três anos, dá para ganhar o suficiente para regressar ao Japão e comprar uma roça grande e construir uma casa.

Pelo tom da conversa, Chûji parecia ter levado a sério as explicações e o conteúdo do folheto da companhia de emigração, mas Yozo, seu irmão mais novo, parecia estar um pouco incrédulo.

- Você está confiando muito na propaganda de recrutamento de emigrantes para o Brasil. Será que existe mesmo uma conversa tão boa?

- Ainda está dizendo uma coisa dessas? O tamanho do Brasil nem se compara com o do Japão, este minúsculo arquipélago. Aqui em Hokkaido, não se pode trabalhar metade do ano devido à neve. Porém, no Brasil, é verão o ano inteiro. Imagine você trabalhando o ano inteiro! Conforme aquele

folheto de emigração, se você trabalhar três anos, vai se tornar um ricoço. Depois de três anos, vamos voltar para o Japão e comprar uma terra fértil em algum lugar bom, diferente da terra árida daqui. Um lugar onde tenha sol em abundância, sem problemas de temperaturas baixas, estiagem e outras desgraças. Estou muito contente por ter nascido como segundo filho. Posso ir para qualquer lugar, quando quiser. Posso ir para o Brasil em busca de um grande sonho.

A avó Nobu procurava não dar palpites, mas não escondia a insegurança.

Yosaku sabia que não era possível ficarem todos na dependência de um punhado de terra desgastada mas, como primogênito, precisava se preocupar com todos os membros da família.

- Se você fosse sozinho, tudo bem. Mas o requisito para emigrar para o Brasil é ir com a família. Vai ser bastante difícil para as crianças.

- Eu não tenho medo. O papai, a mamãe, Shigeru, Minoru, Natsu, todos estarão juntos... É duro viver aqui com todo mundo, mas, no Brasil, vamos poder viver por nós mesmos. Não vamos precisar nos preocupar com ninguém... - Haru respondeu corajosamente, antes dos seus irmãos mais velhos.

Naquele momento, Kane, a esposa de Yosaku que estava na cozinha, ouvindo a conversa, comentou:

- Ah, é? Quer dizer, Haru, que você estava preocupada com os outros? Você, que sempre brigou com os meus filhos e os fez chorar!

- Desculpe... Haru é muito geniosa. - disse Shizu, a mãe de Haru, que estava encolhida e cabisbaixa. Mas Haru demonstrava força e coragem ao dizer:

- Não sou eu a culpada. Os primos é que são metidos, dizendo que são filhos do primogênito, e maltratam a mim e a Natsu. Eu até agüento, porém, não admito que maltratem a Natsu. - Haru respondeu a Kane, de forma despreocupada, parecendo não mais lhe dever satisfação.

- Se a gente for para o Brasil, estas coisas ruins também vão acabar. Só por isso, vale a pena, não é?

- Nós também vamos ficar aliviados. Essa ida de vocês para o Brasil vai ser algo bom para todos! - disse Kane descarregando sua irritação sobre Haru com Shizu, que era mais quieta, de forma irônica.

Haru pôs-se a falar com a irmã Natsu, mas na verdade, a farpa se destinava a Kane:

- Dizem que no Brasil não neva... Não vamos mais ter que passar a noite sem poder dormir, com a neve penetrando pelas frestas até a nossa cabeceira. É verão o ano inteiro. Então, parece que as plantas estão sempre floridas.

Falou à Natsu, que ficava extasiada imaginando as cenas:

- Para você, Natsu, que gosta de flores, o Brasil será um paraíso! Além disso, a gente nunca viu o mar, mas para ir ao Brasil, vamos viajar dezenas de dias de navio. Vamos ver o mar todos os dias, até dizer chega! Meu coração bate forte só de pensar. - complementou Haru.

- Que maravilha, não? Tantas coisas boas...

Para Kane, Haru era uma sobrinha insolente e incômoda.

- As crianças são felizes. Nem imaginam a vida que as espera... - disse Yozo, pasmo com a batalha verbal entre a tia e a sobrinha, como querendo apartá-las.

E então, Chūji deu a última palavra a Yozo:

- Olha, pode ser que não seja fácil trabalhar em fazenda de café. Porém, não quer dizer que vamos morar definitivamente no Brasil. É um trabalho de decasségui, com previsão de volta em três anos. Não vamos dramatizar as coisas. Mesmo vocês dois, Yozo e Kiyō, se não ganharem dinheiro no Brasil, nem filhos poderão ter.

Ouvindo falar de filhos, Kiyō, esposa de Yozo cutucou o marido num misto de sentimento de constrangimento e alegria:

- Querido, Chūji tem razão.

Na época, o governo japonês adotava como política emigratória, o envio de japoneses para o Brasil. Tratava-se de uma medida para fazer face ao aumento de desemprego devido à recessão.

E para a maioria dos japoneses que decidiram emigrar, este era o último meio para sair da pobreza. Era uma questão de vida ou morte. Ir como decasségui para o Brasil era a forma de conseguir obter um certo montante de dinheiro e com isso levar uma vida decente no Japão, uma vida na qual se pudesse alimentar os filhos com fartura...

Tratava-se de um desejo trivial, mas era o sonho da maioria dos japoneses que iam para o Brasil. Muitos eram











































































rumo. Tendo saído de Kobe, seguira para Hong Kong, Cingapura, Sri Lanka<sup>1</sup>, e, dobrando o Cabo da Boa Esperança, na África, finalmente chegava ao Brasil.

Durante um mês e meio de viagem em que o navio percorria metade do diâmetro do globo terrestre, os imigrantes permaneciam juntos. Para passar o tempo, organizavam festas comemorativas pela passagem da linha do Equador, gincanas esportivas e outros eventos.

Os pais também se divertiam participando das gincanas esportivas. Nas mãos que normalmente puxavam enxadas, levavam colheres com bolas, disputando, para ver quem chegava primeiro, sem derrubá-las.

As pessoas se sentiam inseguras na medida em que o dia da chegada ao Brasil se aproximava. Todos sentiam uma mescla de tensão e insegurança, embora houvesse uma grande expectativa na vida que os aguardava no Novo Mundo. As gincanas serviam para aliviar temporariamente a tensão e contribuía, também, para fazer novas amizades e relacionamentos.

Na verdade, a maioria dos emigrantes provinha de famílias rurais pouco abastadas e as circunstâncias de origem eram parecidas. Assim, não precisavam de muito tempo para estreitarem o relacionamento entre si.

Conhecendo-se uns aos outros, era possível falar de assuntos mais reservados. Aos poucos ia surgindo e crescendo

1 N.T.: Na época denominava-se Ceilão.























































































## Capítulo II

### O Encontro e a Despedida

Haru e Yamato haviam encontrado Natsu no final do mês de março. Nesse intervalo, as cerejeiras floriram em Tóquio. Do apartamento de quarto e cozinha que Yamato alugara, podia se dar ao luxo de assistir as cerejeiras em plena floração. Yamato suspirava, entretanto, olhando atentamente para o recibo de compras.

- Realmente, no Japão as coisas são caras. Não é fácil alugar um apartamento e viver aqui.

Achando graça na sua maneira de falar, estranha a um jovem, Haru parou de passar pano no chão.

- Em compensação, ganha-se bem trabalhando no Japão. Esse dinheiro no Brasil vale muitas vezes mais. Dá para entender porque tantos nisseis e sanseis estão vindo para cá trabalhar como decasséguis.

- Para nós que ganhamos dinheiro com tanto suor, lavrando terras no Brasil, parece bobagem gastá-lo no Japão.

- Deixe disso! Pelo menos, podemos comer sem precisarmos trabalhar como decasséguis. Tenho que agradecer por ter podido voltar ao Japão.

Acreditando que, ao trabalhar por três anos, poderia juntar dinheiro suficiente para viver com fartura no Japão, muitos japoneses foram para o Brasil como decasséguis. Agora, está ocorrendo o fenômeno inverso. Os descendentes de japoneses













Viu os cabelos brancos despenteados e as costas curvadas da avó agradecendo ao encarregado.

-Vovó!

-Natsu!...

Nobu correu para abraçar Natsu com força. Natsu se lançou nos braços de Nobu e chorou em voz alta. Nesses três dias, mesmo que quisesse chorar em voz alta, não havia com quem fazê-lo.

- Coitadinha! Você estava tão ansiosa para ir ao Brasil! Como é que foi acontecer uma desgraça dessas? Queria chegar mais cedo, mas do interior de Hokkaido até Kobe é muito longe. Você, sozinha neste lugar, me esperando... Deve ter sido muito triste.

Natsu soluçava sem poder falar.

- Mesmo que volte a Hokkaido, seus pais não estarão lá. A vida vai ser dura outra vez... Mas eu vou protegê-la, Natsu. Sua avó vai estar ao seu lado. Vou protegê-la com todas as minhas forças...

*"Eu não queria voltar para casa do tio, mas não tinha outro lugar para ir. Sem outra alternativa, acabei voltando com a vovó. "*

O apito do trem ressoava ao percorrer o sopé das montanhas cobertas de neve. O vento forte fazia com que os flocos de neve esvoaçassem, provocando um estrondo. A paisagem ao redor da casa do tio, bem como o telhado,

estavam todos cobertos de neve.

O barulho que Kane provocava preparando o jantar, mostrava claramente o seu descontentamento. Kyusaku e Kenta, filhos do casal, e os demais, brincavam, ignorando Natsu.

Com pena de Natsu, que estava encolhida demonstrando constrangimento, Yosaku quis mostrar sua bondade como tio.

- Que desgraça. No Japão, o tracoma é uma doença insignificante, mas no Brasil, ela é considerada uma doença contagiosa e terrível. Se eles não aceitam sua entrada no Brasil, não há outro jeito a não ser esperar aqui a volta de todos.

De todo modo, Kane não tinha gostado da situação.

- Você fala de um jeito tão fácil, mas a coisa não é bem assim. Ela ainda nem ajuda direito na roça, mas vamos ter que lhe dar de comer. Como é que os pais podem abandonar a menina assim, sem nem mesmo deixar dinheiro para a comida? Será que eles pretendem mandar dinheiro do Brasil?

- Você não precisa falar assim na frente dela! Contenha-se um pouco! Natsu é filha do meu irmão. Se ela está passando por dificuldades, é natural que eu, o primogênito e herdeiro da família, cuide dela. Você não tem que se intrometer.

Kane não era de se intimidar só porque Yosaku lhe chamara a atenção. Se ficasse intimidada não conseguiria administrar a cozinha com tão pouco dinheiro.

- Olhe quem fala! Herdeiro? Herdeiro dessa porcaria de



- Nós temos que mandar as crianças à escola. Temos que fazer com que elas não fiquem presas a esta terra árida, e sim, que um dia, elas possam trabalhar na cidade. Basta que nós tenhamos uma vida miserável como esta. Fiz até dívidas, porque quero que elas levem pelo menos, uma marmita.

- Você sabe que se fizermos dívidas, teremos que pagar com a produção deste ano. Se a safra for ruim outra vez, vamos ter que fugir mesmo daqui. Não adianta eu economizar aqui e ali.

- Não se preocupe. A roça é a mesma, mas a família de Chûji e de Yozo não estão mais aqui. Há menos bocas para sustentar. Se a safra for boa, vai sobrar colheita para a gente poder pagar as dívidas.

Não havia qualquer garantia de que a colheita seria boa naquele ano. A roça árida não mudara e com a diminuição de braços, o trabalho não rendia, aumentando os encargos para os que ficaram.

Ao imaginar que Chûji e a família estavam vivendo felizes no Brasil, Kane estava descontente com o fato de ter que cuidar de Natsu e ficava irritada com Yosaku, que tentava protegê-la.

- Não é por isso que precisamos mandar até Natsu para a escola. Se quiserem educá-la, poderá estudar depois que os pais voltarem do Brasil.

- Não diga tolices! O curso primário é ensino obrigatório. É nossa obrigação, uma vez que vamos ficar com Natsu. É obrigação da família do herdeiro.

- Já estou cheia dessa história de família do herdeiro. Tenho inveja do pessoal que foi para o Brasil.

Nobu continuava a trabalhar em silêncio. Queria tapar os ouvidos para não ouvir a voz de Kane. Proteger Natsu de Kane era tudo o que Nobu poderia fazer.

Já passava da metade do mês de abril, mas em Hokkaido, onde morava Natsu e os demais membros da família, ainda restava muita neve. Ao passar pelo bosque que levava à escola, de repente, Kyûsaku e o irmão, que já deviam ter ido na frente, impediram a passagem, parando Natsu, que caminhava sobre a neve. Eles estavam preparando uma emboscada.

- Pegue a marmita de Natsu. - ordenou Kyûsaku a Kenta, agarrando Natsu pela gola, de repente, jogando-a no chão.

Kenta arrancou a mala de Natsu e tirou de dentro o embrulho da marmita.

- O que você está fazendo?!

- Você, que está morando de favor em nossa casa, não tem o direito de levar marmita para a escola. Meus pais estão trabalhando quase sem comer. Se você levar marmita, diminui a nossa parte da comida. Não vou deixar que isso aconteça. Se quiser ir à escola, vá sem marmita. Entendeu?

-Mano!

Por mais que Ine se compadecesse de Natsu, não conseguia ir contra Kyûsaku.

- Você, cale a boca! Vamos.

Kyûsaku levou a marmita de Natsu e caminhava como se fosse um cacique, seguido por Kenta, que o acompanhava



feito um laçao. À Ine não restava outra alternativa senão acompanhar os irmãos, mas ela caminhava com os olhos voltados para Natsu.

Ao ser deixada para trás, Natsu ficou olhando deconsolada para o caminho da escola. Levantou-se bruscamente, fez meia volta e retornou pelo caminho que viera.

Natsu resolveu ajudar Nobu no trabalho da roça. Preocupada se Yosaku e Kane poderiam ouvir, Nobu perguntou em voz baixa para Natsu:

- Por que você não vai à escola?
- Não gosto de estudar.
- O que aconteceu? Você adorava a escola, e suas notas da primeira série eram ótimas.

- É que eu ia com a Haru e era divertido andar pela longa estrada a caminho da escola. Mas ela não está mais aqui. Já sei ler e escrever cartas. É o que basta. É mais divertido ficar ajudando a senhora na roça.

Nobu podia imaginar o que havia acontecido. Era melhor ter Natsu à sua vista do que forçá-la a ir para a escola. O único lugar em que Natsu ficaria tranqüila era ao lado de Nobu, já que não havia outra aliada.

Ao terminar de ler a primeira carta, Haru imaginara as cenas. Conseguia visualizar nitidamente, como se estivesse naquele lugar. Como Natsu deve ter se ressentido e ficado triste.

- Então, ela sofreu mesmo. Foi maltratada pelos primos.





Mesmo que não lhe agradasse ficar com Natsu, se compreendesse ao menos um pouco sua tristeza, jamais diria aquelas palavras, pois era o que Natsu mais temia.

Natsu mordeu os lábios.

Kane devia ter sentido remorsos, pois num rompante de generosidade, virou-se com uma fisionomia mais gentil. No entanto, virou-se de costas constrangida.

No quarto escuro, já era tarde, mas Nobu ainda trabalhava sob a luz de uma lamparina. Natsu procurou aconchego no colo da avó, e Nobu conversava com Natsu enquanto movimentava a agulha de costura, como se estivesse contando uma história de ninar.

- Imagine se eles vão se esquecer de você. Eles devem estar muito ocupados, tentando se adaptar ao Brasil, e não têm tempo para escrever cartas. Qualquer dia chegará uma carta!

Kane abriu a porta de correr, levou a filha ao banheiro e atravessou o quarto, dizendo:

- Vovó, a senhora ainda está acordada? O óleo de lamparina não é de graça. Mesmo que seja para ajudar Natsu, não dá para a senhora ficar trabalhando todas as noites até tarde.

- Kane! - disse Nobu, tentando se levantar, não suportando mais ficar calada.

Natsu, porém, puxou apressadamente a manga da avó.

- Vovó, vamos dormir. Trabalhando desse jeito a senhora vai ficar doente!

Nobu sorriu, para Natsu, suspirando, dando por encerrado o trabalho de costura.

- Kane está nervosa porque a vida é dura para ela também. Não ligue para o que ela diz. A vovó também vai parar por hoje.

Nobu se levantou para apagar a luz da lamparina, e de repente levou a mão às costas, tentando se apoiar, ao sentir as pernas cambalearem. Sentiu uma dor no coração e caiu.

- Vovó?

Assustada, Natsu tentou ajudar Nobu, que caíra, desfalecida.

- Vovó... Vovó...

Natsu tentou levantar Nobu, mas ela não se mexia mais.

- Vovó? Alguém ajude!... Vovó!... Vovó!...

*"A vovó faleceu de repente. Tudo aconteceu de uma hora para outra. Disseram que foi um ataque cardíaco. Ela ficou com o coração ruim porque trabalhou demais na roça, afim de compensar o trabalho dos que haviam ido para o Brasil. A tia disse que a vovó ficou doente porque teve que trabalhar até tarde, costurando para fora, por minha causa. Ela falou de um jeito como se eu fosse a culpada pela morte da vovó. O enterro foi triste. A única que chorava era eu. No fim, acabei ficando realmente sozinha nesta casa".*



lareira. A refeição era bastante frugal.

- Você diz coisas duras somente para a Natsu. Antes disso, você devia falar para Kyûsaku e Kenta ajudarem mais. Eles estão indo à escola, mas não aprendem nada e brincam o dia inteiro. Você os mima demais.

Enquanto defendia Natsu, Yosaku tomava a papa de grãos, mastigando o nabo em conserva. Kane não se rebaixava só porque o marido havia ralhado com ela.

- Eles têm pais que trabalham. Nós estamos trabalhando muito mais do que os outros para dar de comer aos meninos. Por isso, eles não precisam trabalhar. Mas não pretendo trabalhar para dar de comer à filha de um cunhado. Nossos filhos e Natsu são diferentes.

Ao recordar os dias repletos de amargura de 70 anos atrás, Natsu Yamabe, hoje presidente da Indústria de Doces Hokuô, sentiu-se sufocada.

Quantas lágrimas de humilhação havia derramado por causa da violência das palavras de Kane. Dias e meses passavam sem que houvesse qualquer notícia dos pais e irmãos que estavam no Brasil. Depois do falecimento de Nobu, Natsu foi ficando cada vez mais solitária.

Desde que lera a carta de Haru, começara a lembrar o que havia afastado da sua memória. Embora estivesse recostada tranquilamente na cadeira de presidente, vestindo um conjunto feito sob medida, levando uma vida confortável e dedicada ao trabalho, era possível evocar a imagem de sua

infância, em que o choro era uma constante.

- Que megera era essa sua tia de Hokkaido!

Yamato sentiu que podia perdoar um pouco a atitude fria de Natsu com a avó, que, após longos anos, tinha vindo especialmente do Brasil para encontrá-la. Realmente, podia imaginar como seu cotidiano deveria ser uma tortura e o que ela sentira ao saber que não existia outra alternativa a não ser voltar para Hokkaido, apesar de ter certeza de que seria maltratada.

- Quando nós estávamos em Hokkaido, fomos muito maltratadas pela tia e pelos primos. Mas isso é até compreensível. Num estado de miséria absoluta, sem ter o que comer, não há como ser amável. Até pessoas tranqüilas se transformam. Quando estávamos em Hokkaido, ainda que nossos pais estivessem junto conosco, éramos maltratadas. Depois que fomos para o Brasil deixando Natsu sozinha, posso imaginar como ela foi tratada.

Haru se lembrava muito bem do temperamento ríspido de Kane. Natsu, com certeza, devia ter ficado abalada, menina dócil que era, sem ninguém para protegê-la. Havia apenas as cartas de Haru, como a última esperança para fortalecer o coração de Natsu, dando-lhe a certeza de que não estava sozinha.

Haru, entretanto, não conseguia entender onde foram parar as muitas cartas que foram enviadas. Era até compreensível se o desaparecimento tivesse ocorrido numa área de













maior, teria notado na sua fisionomia uma decisão firme que ela havia tomado.

Na água gelada do riacho que corria no quintal, Natsu lavou o barro grudado no nabo. A dúvida que Natsu tinha, parecia escorrer junto com a sujeira do nabo. Ao terminar de lavar e devolver os nabos no cesto de bambu, o sentimento que a fazia permanecer naquela casa havia desaparecido.

Voltou às pressas para a casa pela porta dos fundos, colocou o cesto de bambu na porta da cozinha e saiu correndo.

Neste dia, Natsu não foi vista na roça, mesmo na hora do almoço. Apenas Yosaku e Kane estavam trabalhando, escondidos no meio da plantação.

- Onde será que foi Natsu? Ela nem mesmo fez a refeição da manhã...

- Sei lá! - disse Kane, pensando que ela provavelmente deveria estar vadiando em algum lugar. Por mais que houvesse justificativa, não deixaria Yosaku dar moleza.

Natsu estava escondida perto da casa, observando Yosaku e Kane. Parecia que os dois continuariam a trabalhar ainda por algum tempo na roça. Ao certificar-se disso, Natsu entrou correndo na casa.

Com a fisionomia séria, procurou uma gaveta da cômoda e pegou um porta-moedas. Colocou as moedas na palma da mão, e ao colocar no bolso duas moedas de prata de 50 sen de que precisava, devolveu o porta-moedas na mesma gaveta.

Pegou uma trouxinha que já estava preparada com antecedência e, ao sair, correu em direção ao bosque dos

fundos da casa. Não havia hesitação na atitude de Natsu, pois ela havia planejado tudo.

Ao sair do bosque, passou pela margem do rio cheio de pedregulhos, um lugar difícil de caminhar. Ao correr por algum tempo, sua respiração começou a ficar ofegante, mas ela não diminuiu os passos. Carregando firme a trouxinha, continuou correndo com todas as suas forças. Quando a paisagem mudou, percebeu que chegara na vila. Finalmente parou em frente a um prédio, onde funcionava o correio.

-Por favor...

Natsu colocou sobre o balcão a carta endereçada ao Brasil para Haru e a entregou para o encarregado, juntamente com a moeda de prata de 50 sen que tinha tirado do bolso. Quando ele pegou a carta, Natsu deu um grande suspiro, como se tivesse alcançado um objetivo muito importante.

Ao sair do correio, Natsu seguiu para a estação. Havia algumas pessoas na sala de espera e na plataforma. Era uma vila pequena e não queria ser vista por conhecidos. Natsu demonstrava uma leve hesitação. Ouvia-se o apito do trem, que se aproximava. Natsu criou coragem e caminhou para a plataforma.

O aquecedor a carvão de pedra estava aceso, e devido ao cansaço e calor, Natsu ficou sonolenta e acabou dormindo, acalentada pelo balançar agradável do trem que corria pelos trilhos. Natsu despertou com a voz do cobrador. Ao virar-se para trás, viu um policial junto com o cobrador, na entrada do vagão. Provavelmente estavam verificando os bilhetes.

Natsu se afastou do assento confortável e se deslocou para o vagão vizinho, a fim de fugir.

Estranhando a ausência de Natsu, Yosaku e Kane começaram a procurá-la com seriedade depois do almoço. Naturalmente, os objetivos da bronca diferiam entre Yosaku e Kane.

- O que você quer dizer com "Natsu não está"?

- Já procurei por todos os lugares, mas ela não está. Achei estranho a ponta do *kimono* estar aparecendo da gaveta desta cômoda. E estão faltando duas moedas de prata de 50 sen que estavam dentro deste porta-moedas. Natsu pegou-as e fugiu.

- Não é possível Natsu fazer uma coisa dessas...

- Vamos logo ao posto de polícia. Mesmo que a peguem, nunca mais a deixarei entrar nesta casa.

- Se Natsu saiu de casa levando o dinheiro, deve ter decidido nunca mais voltar. Ela sabia que se voltasse, teria que sofrer as conseqüências. Deixe estar. Mas... se ia sair de casa, poderia ter levado todo esse dinheiro. Foi só um ien. Perdoe-a.

- É verdade, se pensarmos que nos livramos de um estorvo com apenas um ien, acho que foi barato.

Assim mesmo, Kane ainda pretendia pedir a devolução do dinheiro quando Chûji e a família voltassem do Brasil. Com isso resolveu esquecer o assunto.

- Onde ela pretende ir?



Yosaku sentia compaixão de Natsu. O inverno estava para começar. Além disso, pensava em como explicar para a família do irmão, quando viessem buscar Natsu. Yosaku estava perplexo.

Após 70 anos, na biblioteca de sua casa luxuosa em Tóquio, Natsu estava com seus pensamentos num passado longínquo. Não teria sido estranho se tivesse morrido. O estranho era ter sobrevivido e estar hoje ali.

Tendo as cartas de Haru na sua frente, Natsu pensava novamente na vida tumultuada que começara a trilhar com apenas sete anos de idade.

O trem diminuirá a velocidade e estava quase parando, quando Natsu pulou sobre os trilhos e começou a andar com muito esforço. Não havia destino, nem rumo. Apenas continuou a andar, arrastando os pés para longe, cada vez mais longe. A garganta estava seca. Passando pelos arvoredos do campo, cambaleando, ouviu o barulho de um riacho. Ao molhar a garganta com a água do rio, sentiu-se segura e, cansada, caiu num sono profundo.

A luz do sol que batia sobre Natsu diminuía. Entardecia e o sol se punha no horizonte. Natsu continuou a dormir, parecendo estar morta.

Um homem de certa idade, vestindo roupa de trabalho, aproximou-se de Natsu um tanto desconfiado, e ficou a observá-la. Sentindo sua presença, Natsu despertou assustada.

Como se estivesse aliviado, o homem esboçou um sorriso no canto da boca. Era Tokuji, um criador de vacas.

- Ei, menina, já está escurecendo. Se você continuar a dormir, vai ficar completamente escuro e não vai achar o caminho de casa.

Instintivamente, Natsu recuou, tentando se proteger.

- Que susto! Pensei que estava morta. Vá logo para casa!

- Não tenho para onde ir. Vou dormir aqui.

- Onde é a sua casa?

- Não tenho casa. Deixe-me em paz!

Tokuji fechou os lábios, virou as costas e começou a andar. Fazia-o de propósito. Natsu se sentia só e estava apreensiva. Como se estivesse prevendo, Tokuji virou novamente para a Natsu e sorriu afetuosamente.

Haru levantou o olhar da carta que lia, e falou para Yamato:

- O motivo para Natsu sair da casa do tio ter sido o dinheiro do selo que não queriam lhe dar, era de se admirar. Para Natsu, que era tão dócil, tomar tal decisão, é porque deveria estar suportando coisas além da minha imaginação.

- Eu a entendo. Por mais que trabalhasse com perseverança, deve ter sido insuportável ficar numa casa onde não lhe davam nem dinheiro para o selo da carta para o Brasil.

Era como Yamato dissera. A carta para o Brasil era o único elo entre Natsu e a família. E Kane quis romper esse elo. A solidão em que Natsu megalhou foi muito mais

profunda do que Kane imaginava. Naturalmente, Kane não tinha se dado conta daquilo.

De qualquer modo, Natsu não tinha nenhum lugar para ficar. Haru começou a ler a continuação das suas cartas.

*"O senhor que me acordou quando estava a dormir, escondida no mato, era uma pessoa muito boar*

Ao entardecer, uma carroça carregada de capim cortado seguia por um caminho. Tokuji conduzia tranqüilamente as rédeas do cavalo e na carroceria da carroça, Natsu estava quase afundando no monte de capim.

Quando chegaram à casa de Tokuji, já anoitecia à sua volta. Ao entrar na casa, convidada por Tokuji, percebeu que o homem levava uma vida simples, mas tudo estava muito bem arrumado.

- Aqui não tem ninguém. Vou ver as vacas e logo vou preparar o jantar. Fique descansando.

Natsu ficou pensando se poderia confiar naquele senhor e no que faria se ele avisasse a polícia. Tokuji olhou para Natsu, adivinhando o que ia em seu íntimo.

- Se não quiser voltar para a casa do seu tio, não volte. Se você roubou dinheiro, não poderia voltar, mesmo que quisesse, não é? Se não se importar em ficar num lugar como este, fique o tempo que quiser.

Tokuji lhe dava a atenção necessária e passou a quebrar

os galhos para acender a lareira ao estilo japonês.

- Pode deixar que eu sei acender o fogo. - diz Natsu, dirigindo-se a Tokuji, agachado em frente à lareira.

- Faça isso, por favor. Vou ver as vacas.

- O senhor tem vacas?

- Eu crio vacas. Tinha ido colher capim para dar às vacas, quando a encontrei. Se não fosse por isso, não teríamos nos encontrado. - riu Tokuji, achando graça.

Saiu para fora, acendendo a lanterna, iluminando o caminho para Natsu, que o seguia. A luz da lanterna foi balançando pelo caminho escuro até o estábulo.

No estábulo havia cinco vacas leiteiras, que esperavam por Tokuji. Enquanto colocava o feno na manjedoura, elas comiam com gosto. Natsu acariciava a cabeça das vacas sem medo.

- Elas têm olhos bonitinhos.

- Você não tem medo delas?

- Eu gosto de animais. Cachorro, cavalo, vaca. Se pudesse, queria criá-los.

- Que bom. Se você não gostasse de vacas, não ia poder ficar aqui.

- O senhor cria as vacas sozinho?

- Sim.

- O que o senhor faz com essas vacas?

- Eu tiro leite delas.

- Não dá para o senhor consumir todo o leite sozinho, não é?

- Eu faço queijos também.

- Queijos...?

- Eu forneço uma parte do leite à cooperativa e com o resto, faço queijos e entrego aos fregueses.

- Posso ajudar em alguma coisa? Se não ajudar, não poderei ficar aqui, não é?

Desde que encontrara Natsu, Tokuji ficou sério pela primeira vez.

- Uma criança como você não tem que se preocupar com essas coisas!

- Eu não vou mais para a escola. Eu vou ajudá-lo. Deixe-me ajudá-lo. Por favor. Por favor. - pediu Natsu, abaixando a cabeça diversas vezes, com muita seriedade. Curvava o seu pequeno corpo, e baixava a cabeça com toda a força.

Tokuji observava Natsu e sentia uma certa emoção. As condições da vida que Natsu relatara a ele deveriam ser apenas uma pequena parte, mas dava para imaginar a situação que ela teve de suportar. Mesmo que lhe diga para não trabalhar, ela não dará ouvidos. Tokuji cerrou a boca com firmeza, talvez por costume. Deveria deixá-la fazer como quisesse.

*"O senhor Tokuji tinha perdido a esposa e filha, e estava vivendo sozinho, apenas com as vacas. Como tinha serviço para mim, ele deixou que eu ficasse aqui. Eu vou aprender a ordenhar as vacas e fazer queijo. E vou esperar vocês voltarem do Brasil nesta*

*casa. O meu endereço mudou. Por isso, de agora em diante, escreva-me para este endereço. "*

Haru dobrou a carta que acabara de ler.

- Não fazia idéia de que tinha chegado uma carta assim. Sem saber da mudança de endereço, continuei mandando cartas para a casa do tio de Hokkaido.

Haru se sentia desalentada quando pensou nas cartas que continuara enviando, sem saber que Natsu havia fugido de casa. Achou que as cartas haviam sido jogadas pela Kane, desconhecendo que as cartas, apesar de tudo, tinham chegado nas mãos de Natsu.

- Quando Natsu passava por tudo isso, o que será que estávamos fazendo no Brasil?

Yamato olhou a data da carta.

- Dona Natsu saiu da casa do tio de Hokkaido em outubro.

- Outubro.... Nas fazendas de café do Brasil, era uma época em que estávamos tratando dos cafeeiros e capinando as ervas daninhas, pois a colheita havia terminado.

Poderia referir-se à capinação de forma simples, mas a área era muito vasta. Foram designados 8.000 pés de café para a família Takakura. Tinham que carpir as ervas daninhas de toda a área. O clima do Brasil era propício para as plantas crescerem. Ainda que capinassem as ervas daninhas, logo em seguida cresciam outras em volta. Passavam dias e dias se dedicando à capinação.

- Isso também eu escrevi nas cartas à Natsu. Bem, não



demais...

- Obrigada. Não preciso de mais nada por hoje. Pode dormir.

- Obrigada. Então, boa noite!

Depois que Sachiko saiu do quarto, Natsu voltou a ler as cartas de Haru.

*"No mês de outubro, em Hokkaido, à noite o frio é tão rigoroso como se fosse inverno. No Brasil, ao contrário, começa o verão. O verão do Brasil é um calor inimaginável para quem se encontra no Japão, e o trabalho de capinação é realmente árduo.*

*As pessoas que trabalham na fazenda sob contrato, são chamadas de colonos. Está completando quase meio ano que chegamos a esta fazenda para trabalhar como colonos, mas a vida aqui é completamente diferente daquela que ouvimos falar no Japão. São coisas que nem imaginávamos. Mesmo assim, todos estão trabalhando sem descansar. Mas, como temos um contrato com o dono da fazenda, temos que fazer a nossa parte. Todos estão dizendo que foi bom você ter ficado no Japão. Quero voltar logo para o Japão e me encontrar com você, Natsu."*

As ervas daninhas cresciam próximas às raízes dos pés de café. Para não permitir que a parte nutritiva dos pés de







































risos alegres dos colonos que dançavam com trajes típicos.

A música alegre talvez fizesse parte do folclore italiano.

Não sabiam que tipo de festa era, mas os colonos vindos de outros países estavam se divertindo. Na vida deles havia sonhos e risos. Haru e Takuya, trocavam sorrisos, seduzidos pelo som da música agradável.

A conversa com Takuya havia dado coragem para Haru. Takuya também fora estimulado pela retidão da maneira de viver de Haru, que ainda tinha a ingenuidade de menina. Takuya também não perdera a pureza de menino.

Haru e Takuya se esqueceram das tristezas ouvindo o ritmo alegre das músicas da festa, sem saber que estava se formando uma grande onda que arrastaria o destino dos dois.

No hotel de Tóquio, Haru estava a recordar aquele ritmo de 70 anos atrás. Na vida de colono, foram poucas as ocasiões em que Haru pôde rir. Aquela festa tinha sido um dos raros momentos agradáveis.

*'iamo, 'iamo... funiculi, funicula...*

O espelho refletia a imagem, não da Haru daquela época, mas da Haru de 80 anos, lembrando o ritmo da música. Ao voltar a si, Haru pegou a carta de Natsu.

- Até a respeito do dia em que nos comunicaram sobre o primeiro pagamento, escrevi detalhadamente para Natsu. Lendo as cartas dela, pode-se ver que nem aquela carta lhe chegara em mãos.

*"Eu escrevi uma carta comunicando a mudança de endereço, porém, para variar, não recebi resposta. Será que vocês realmente se esqueceram de mim? Ou estão tão ocupados que não têm tempo para escrever?"*

*Não se preocupem comigo. Fui acolhida pelo vovô Toku, e estou sendo criada como se fosse sua filha... Muitos pecuaristas da região vêm consultá-lo. Eles dizem que o vovô Toku é um pecuarista de mão cheia".*

Iniciava-se um novo ano. Era janeiro de 1935 e Natsu havia completado oito anos.

Os campos de Hokkaido estavam cobertos de neve acumulada. A porta da casa de Tokuji se abriu e Natsu apareceu, com dois baldes nas mãos, caminhando no meio da neve. Ambos os baldes estavam cheios de água quente, e Natsu cambaleou com o peso por causa da neve sob os pés, mas o seu rosto estava iluminado, a caminho do estábulo.

Trabalhar ajudando Tokuji deixava Natsu feliz. Cuidar de vacas era um trabalho pesado e era preciso mais força do que na roça. Mas isso não incomodava Natsu. A bondade de Tokuji e o carinho pelas vacas preenchiam seu coração.

Natsu se tornara uma presença necessária para Tokuji.

Ela entrou no estábulo, onde o feno estava empilhado até o teto, pisando firme por causa do peso dos baldes.

Tokuji estava ordenhando a vaca. O leite enchia o balde

























grito e a charrete começou a se movimentar. O campo em que haviam caminhado há algumas horas era percorrido pela charrete em velocidade máxima, guiados apenas pelo luar.

Ao chegar em frente à casa dos Takakura, Haru, sem poder esperar o cavalo parar, saltou da charrete e entrou correndo no quarto onde Shigeru dormia.

- O médico chegou!

Em volta da cama de Shigeru estavam Chûji, Shizu, Minoru, Yozo, Kiyo, e também, Heizo. Sobre o prato na cabeceira, o tomate vermelho que Haru havia colhido ainda estava intacto.

- Onde você estava? - perguntou Shizu, triste, com os olhos vermelhos e inchados.

- Fui buscar o médico...

- Médico? - disse Chûji, levantando-se afobado e Yozo falou vagarosamente para Haru:

- Shigeru acabou de falecer.

Haru voltou seu olhar para a cama e Shigeru parecia dormir tranqüilamente, sem gemidos de febre.

Takuya entrou no quarto acompanhado do médico, um pouco atrasado. O médico examinou Shigeru e, sem palavras, balançou a cabeça negativamente, com ares de pesar.

- Ele morreu mesmo?

Embora não entendesse japonês, o médico compreendeu o sentimento de Haru. Ele colocou a mão em seu ombro, tentando consolá-la e explicou em português:

- Era malária. Foi uma pena que não chegamos a tempo.

- Ninguém pediu para chamar o médico! Onde vamos arranjar dinheiro para pagar a consulta? Agora vamos ter que fazer mais dívidas! - falou Chûji, com voz fanhosa e cheia de lágrimas, repreendendo Haru, que trouxera o médico sem pedir permissão.

- Pensei que se o médico examinasse Shigeru e desse remédio, ele poderia se salvar...

Heizo, que conversava com o médico, virou-se para Chûji.

- O médico lamenta, dizendo que se ele tivesse sido chamado antes, quem sabe, poderia tê-lo salvo.

O médico continuou a falar em português com Heizo.

- Não precisam pagar a consulta. Eu vim porque fiquei comovido com o esforço daqueles meninos, que caminharam de tão longe para me pedir que atendesse a um doente. Não quero receber nada.

- Muito obrigado. Seremos gratos pelo resto da vida.

Agradecendo em português no lugar de Chûji e seus familiares, Heizo fez uma reverência profunda para o médico.

Apesar de ser brasileiro, ele era totalmente diferente do administrador e do capataz da fazenda. O gesto humano do médico comovera a todos.

- Por favor, não fique zangado com Haru.

Ao ouvir de Takuya o gesto gentil do médico, Chûji se calou. Nesse mesmo instante, Haru chorava convulsivamente na cabeceira de Shigeru.

- Desculpe-me, Shigeru... Desculpe por não ter chegado a tempo... O Brasil foi realmente um lugar ruim para você,

não é mesmo? Mas agora, você pode descansar. Não precisa mais trabalhar... Não precisa, também, comer coisas que não gosta. De agora em diante, faça livremente o que quiser. Descanse... Seja feliz no paraíso. - Haru falou soluçando.

Shizu também chorava em silêncio.

De repente, Kiyô, com a paciência esgotada, começou a chorar e a gritar descontrolada:

- Chega! Se ficarmos aqui, vai ser a ruína de todos! Quero voltar para o Japão! Quero, não. Vou voltar!

-Kiyô...!?

- Que esperanças podemos ter neste lugar? Quantos anos dessa vida miserável teremos que viver para poder enxergar o futuro? Eu não quero! Não quero ficar aqui nem mais um dia!

Diziam que o sofrimento do colono japonês ultrapassava o limite da paciência quando algum parente, descendente ou cônjuge falecia. Quando a morte vinha pela providência divina ou pelas regras da natureza, ainda era possível se conformar. O inconformismo chegava ao auge quando se desperdiçava uma vida que poderia ter sido salva, se tivessem levado o doente ao médico, ou tivessem-no tratado com uma alimentação nutritiva. Era exatamente o caso de Shigeru.

Heizo se levantou, cambaleando como um espírito perdido.

- O tratamento dispensado aos colonos neste lugar é muito desumano. Se permanecermos aqui, estaremos presos às dívidas e vamos ter que trabalhar como escravos a vida inteira.



- estava contendo sua voz, mas seus olhos diziam que ele estava decidido.

- Nós é que fomos tolos em acreditar na propaganda enganosa da empresa de emigração. - Yozo falou num tom ríspido.

Quando Haru e os demais embarcaram no navio de imigração em 1934, estava escrito nos folhetos de recrutamento de emigrantes para o Brasil, a seguinte frase: "Um paraíso para lavradores, com solo fértil e clima ameno. Não há impostos, nem é necessário adubar a terra". Havia anúncios que escreviam o nome "Brasil" utilizando ideogramas chineses que significavam "Dançar alegremente e permanecer".

- Desde que chegamos aqui, tenho buscado informações sobre outras fazendas, mas nem todas são ruins como essa. Existem fazendas em que, na medida do possível, querem empregar mais japoneses porque eles trabalham bem. Falando francamente, já não espero mais nada deste lugar. Pretendo ir embora...

- Sr. Yamashita...? - falou Chûji, sobressaltado, fitando Heizo.

- Não é coisa para se contar aos outros. O senhor também se conscientizou de que não há como vencer na vida ficando nesta fazenda. Então, é melhor pensar em sair daqui o quanto antes.

Yozo logo se sentiu atraído pela idéia, mas ainda assim, respondeu com cautela:

- Nós também temos muita vontade de fugir daqui. Mas, ainda que façamos isso, não temos para onde ir. Além disso, um colono endividado não pode sair daqui. De que forma poderemos fugir se a vigilância é constante e rigorosa?

- Posso arrumar um lugar onde nos acolherão. Se vocês quiserem mesmo fugir, dá-se um jeito.

-E o senhor...?

- Se vocês quiserem, podemos sair juntos... Eu preparei a fuga.

- Se for possível, eu gostaria de sair daqui... Um lugar que levou Shigeru a essa situação. Não gostaria de continuar mais neste lugar onde Shigeru morreu. Não consigo mais ficar aqui. - falou Shizu, ofegante e com a voz embargada.

- Eu compreendo. Vocês são meus companheiros. Viajamos juntos no mesmo navio que nos trouxe para cá e viemos para a mesma fazenda. Sabia que tinham o mesmo sentimento. Então, vamos fugir juntos...

- Porém, é muito arriscado... E se nos pegarem?... Se levarmos uns tiros, não teremos o direito de reclamar. Eu não quero! - disse Chûji, que tinha que manter o equilíbrio como chefe da família.

- Então, vamos ficar aqui, e nos conformar com o destino...? - falou Yozo, num tom de censura.

- Aqui também, se trabalharmos direito, poderemos ter uma vida como a do Kurita. Haru está se esforçando para preparar a horta e já estamos colhendo verduras a ponto de vendê-las. Não sabemos o que acontecerá se formos para outra



que carpissem, voltavam logo a crescer.

Comparada à vitalidade de crescimento das ervas daninhas, Chûji, Shizu e outros movimentavam a enxada sem forças, totalmente desanimados.

Após o término do trabalho do dia, não havia mais sorrisos na família Takakura, nem mesmo pelo fato de voltarem para casa.

Mesmo cansada, Haru falou com Shizu, que estava preparando o jantar:

- Mãe, eu vou até a estação onde fica a fazenda cujo endereço recebemos no Japão, para ver se chegou alguma carta de Natsu.

- Mas essa estação fica longe, e nem sabemos se chegou alguma carta ou não...

- Mas, mesmo assim, vou até lá.

- Não faça isso!

Com a resposta severa de Shizu, aliás incomum, Haru ficou desolada e saiu de casa para o quintal.

- Haru, eu vou com você!

Era Kiyo. Os olhos de Haru se iluminaram e balançou a cabeça em sinal de anuência.

Haru e Kiyo caminharam sobre os trilhos que pareciam não ter fim. Num país estranho onde não se conhecia nem a língua e nem a geografia, a estrada de ferro era o melhor guia.

"Avante compatriotas cruzando os oceanos...

Viva! Viva! Muitas vivas!"...

Para terem forças e se animarem, cantavam o Hino de Despedida aos Patrícios que Emigram para o Brasil, balançando as mãos e trocando olhares. Passaram por algumas estações, e num campo sem nenhuma claridade, Haru experimentou, pela primeira vez, dormir ao relento. Logo pegou no sono enrolada num cobertor com Kiyu.

Natsu apareceu no sonho de Haru. Ora chorava, ora ria. Ao despertar durante a noite, viu as estrelas reluzindo no céu do Brasil. Sentiu o calor do corpo de Kiyu, que dormia abraçada a Haru de costas. Caiu novamente no sono.

Finalmente avistaram a estação que procuravam. Confirmaram o nome da estação com o pedaço de papel que lhes foi entregue em Kobe. Era esta a estação. O cansaço de Haru e de Kiyu pareceu desaparecer de uma só vez. Haru se aproximou correndo do balcão e se dirigiu ao funcionário da estação:

- Não chegou carta do Japão? Não chegou carta de Natsu Takakura?

O funcionário da estação não entendia a língua japonesa. Haru e Kiyu também não entendiam o que o funcionário da estação estava falando. Haru foi a outro guichê e perguntou a mesma coisa:

- Por favor, me diga! Por favor...

- O que é que você está gritando?

Quanto mais Haru insistia, mais o funcionário gritava em português, incomodado.

Ela só queria as cartas e não sabia como deveria perguntar























Até mesmo Heizo, que não tinha conhecimento sobre agricultura, reconhecia tal fato.

- Sairemos de madrugada. É melhor não levar nada, somente a roupa do corpo...

Heizo disse que iria apresentar um japonês que trabalhava na agricultura. Entretanto, ele mesmo não pretendia usufruir deste contato, e quem iria era a família Takakura, que no entanto, não o conhecia. Tinham dúvidas se poderiam abusar de tamanha boa vontade mas, mesmo que quisessem retribuir, não tinham como, pois estavam numa situação tal que eram obrigados a fugir no meio da noite.

Heizo relaxou um pouco com um leve sorriso amargo, diante da preocupação excessiva de Shizu.

- Todos os japoneses que vieram para o Brasil, estão sofrendo, de uma forma ou de outra. Entendem que é óbvio estender as mãos aos patrícios que estão com problemas. Um dia, talvez, estaremos na situação de ajudar os nossos conterrâneos.

Shizu meneou a cabeça aquiescendo. A expressão de Heizo voltou a ser severa e continuou:

- Só que estamos fugindo sem termos cumprido o contrato e além do mais deixando dívidas. Não sabemos o que poderá acontecer se nos pegarem... Estejam bem conscientes disso... Deixem tudo como está... Não deixem que ninguém suspeite...

Tanto Chûji como Heizo queriam evitar, acima de tudo, arriscar a vida das crianças.

- A ronda está chegando!

















Kiyo, fazendo com que Yozo começasse a levá-la. Faltava pouco até a cerca. Seguindo Heizo e os outros, que iam à frente, Yozo, com Kiyo nas costas, seguia alguns passos atrás.

No momento em que iam cruzar uma vereda entre as matas, viram balançar o lampião dos vigilantes, o que fez as pernas de Yozo paralisarem. Ummovimento em falso e os vigilantes sentiriam a presença das pessoas.

Chūji e os demais se esconderam entre as árvores, prendendo a respiração, sem fazer movimentos. A luz do lampião subia e descia, como se farejasse algo.

-Ficarei aqui. Os demais, fujam logo!

- Deixe-me, vá você com os outros. - Kiyo murmurou nas costas de Yozo.

- Aconteça o que acontecer, somos marido e mulher. Ficaremos juntos.

Ouviram os passos dos vigilantes se aproximando.

- Não se preocupe conosco! Daremos um jeito. Fujam depressa!

Yozo se aproximou dos vigilantes com um sorriso sem graça. A luz do lampião iluminava Yozo e Kiyo, e por pouco não alcançava Chūji e os demais.

-O que fazem aí!?

Ao português ríspido do vigilante, Yozo respondeu, num português rudimentar:

- Esposa machucou. Ajuda.

O vigilante observou com cuidado a situação de Yozo e Kiyo, que estava sendo carregada nas costas.













- Você também, Shizu.

Haru estendeu o dedinho para Takuya, para fazer a promessa de reencontro.

- Talvez não consigamos nos encontrar de novo nessa vida. Entretanto, jamais esquecerei de você, Takuya. Não quero me esquecer. Por isso escreverei cartas. E quero receber suas cartas. Promete?

Haru e Takuya trocaram cumprimentos de despedida, entrelaçando os dedinhos, em sinal de promessa.

Deixaram a família Yamashita e Minoru na estação, onde embarcariam num trem. O caminhão com Haru, Chûji e Shizu, reiniciou a jornada. Os membros da família Yamashita, ao se despedirem do caminhão, acenaram as mãos com vigor.

Minoru deu dois ou três passos para a frente, como quem quisesse retardar a despedida.

- Mano!! Diga à Natsu que voltaremos com certeza! - gritou Haru, acenando com a mão.

No hotel em Tóquio, Yamato ouvia atentamente a história contada por Haru. Parecia um romance de aventura, mas fora uma experiência concreta de sua avó.

Quando a família de Haru imigrara para o Brasil, eram oito pessoas. Natsu fora deixada em Kobe e Shigeru morrera na fazenda para onde tinham sido enviados. Yozo e Kiyô se sacrificaram para que os demais pudessem fugir, e Minoru seguira sozinho para o porto de Santos.

Apenas Haru, Chûji e Shizu iriam para esta nova fazenda.





























































































































































































































































































































































































































































































